

PAESE DI CUCCAGNA, TRADIÇÕES LOCAIS E REGIONAIS: A COLONIZAÇÃO ITALIANA NO ALTO DA SERRA, SUL DO BRASIL

Profa. Dra. Ilva Maria Boniatti
UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

Como procurarei apresentar, de modo sucinto, a construção da identidade regional implica o entendimento das tradições locais, regionais e nacionais como mediadores estéticos e culturais. Significa dizer que a obra de Pozenato, *A Cocanha*¹ consiste na representação de imaginários locais, emblemáticos do processo de transculturação decorrente da tensão entre a cultura do colono italiano e as condições territoriais e geográficas da região do Alto da Serra. Nesse processo de adaptação foi necessário superar o choque inicial, quando o mito coletivo do *paese di cuccagna* foi defrontado com a dura realidade local.

Paese di Cuccagna, ou País das Maravilhas, era, para o imigrante italiano, a configuração do Eldorado. Segundo o folclore regional, “a topografia do *Paese di Cuccagna* é dominada por uma montanha, na verdade um vulcão, que expelle, continuamente, moedas de ouro”. A utopia motiva o exílio voluntário e sustenta o desejo dos colonos italianos de “fazer a América”, trocando o espectro da fome pela imagem da fartura, num lugar onde chovem pérolas e diamantes e também raviolis, presuntos, mortadelas e especiarias. Nos rios de vinho grego, aves assadas despencam do céu, enquanto as árvores cobrem-se de frutos e as vacas parem um vitelo ao mês. Esse país imaginário, de fartura e abundância, justifica a invenção teórica de um conceito de “região” e de “regional”, como se lê na ficção do escritor José Clemente Pozenato. Nesse sentido, sua obra ficcional ora desenvolve, ora subverte grande parte das noções tradicionais expressas em outros textos críticos e na própria correspondência do autor.

Na estruturação do romance, entendido como um mosaico da vida, territórios e tradições locais, regionais, nacionais deixam-se ler como mediadores estéticos, culturais, sociais. Assim,

¹ POZENATO, José Clemente. *A Cocanha*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2000.

pretende-se investigar a questão da identidade regional, propondo-se, para tanto, examinar o modo como o escritor Pozenato representa, em sua obra e, em especial, no romance *A Cocagna*, a saga e a utopia dos colonizadores italianos no Alto da Serra, sul do Brasil. O romance inicia com a referência ao mito do *Paese di Cuccagna*, país utópico cuja topografia *é dominada por uma montanha, na verdade um vulcão, que expela, continuamente, moedas de ouro*. Cito as palavras de Cleodes Piazza Ribeiro :

*Quando chove, nesse país, chovem pérolas e diamantes, mas podem chover também raviolis. Em direção ao porto, denominado de Porto dos Ociosos, navegam embarcações carregadas de especiarias, mortadelas, toda a sorte de embutidos e presuntos. Rios de vinho grego são atravessados por pontes de fatias de melão, e lagos de molho soberbos estão coalhados de polpette e fegatelli. Fornadas permanentes de pão de farinha de trigo abastecem os habitantes do lugar. Aves assadas despencam do céu, direto sobre a mesa, enquanto árvores cobrem-se de frutos nos doze meses do ano. As vacas parem um vitelo ao mês e os arreios dos cavalos são de ouro, mas as rédeas são lingüiças... A topografia se completa com uma colina na qual está a prisão destinada aos infratores da única lei que vigora no país: não trabalhar e gozar a vida.*²

Já de imediato, o leitor constata que o *Paese di Cuccagna* nada mais é do que resultante de um processo de transculturação³, ou seja, uma apropriação do mito do Eldorado que, assim, se transforma para dar conta da diversidade regional e das expectativas dos colonos italianos.

O termo *cocanha*, documentado pela primeira vez no século XII, para designar um modelo de sociedade utópica, relaciona-se com a fartura e a fruição plena dos prazeres materiais. E é na confluência da História da Imigração Italiana que, na segunda metade do século XIX, essa

² RIBEIRO, Cleodes Piazza. In: POZENATO, José Clemente. *A Cocanha*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2000. p.7

³ O conceito de transculturação foi criado por Fernando Ortiz e, depois, retomado por Ángel Rama em seu livro *Transculturación Narrativa en America Latina*.(1987)

utopia foi difundida entre a população pobre da Itália. Os camponeses italianos sentiam-se motivados para deixar sua pátria embalados pela promessa de um futuro dourado. Assim, mais do que aventureiros, predominava a intenção de se fixarem no extremo sul do Brasil, que pretendiam transformar numa pequena Itália. Este processo é resgatado por José Clemente Pozenato, em *O Quatrilho*; mas é no romance *Cocanha* que o escritor volta no tempo para resgatar os antecedentes da saga, já narrada, em *O Quatrilho*.

Para melhor compreender a obra de Pozenato, é preciso recordar as origens econômicas e políticas da colonização européia no Brasil, a partir de 1808. Estas entram numa nova fase de sua história, a de sua independência econômica e política.

Olívio Manfroi, estudioso da colonização italiana⁴, afirma que o Brasil recebeu o Príncipe e sua Corte, composta de aproximadamente umas 15.000 pessoas, que para cá trouxeram todas suas riquezas. Aqui chegando, o Regente assina um decreto, datado de 25 de novembro de 1808⁵, que veio a tornar-se um ponto crucial para a história do povoamento do Brasil. O texto autorizava “todos os estrangeiros residentes no Brasil a tornarem-se proprietários de terras nas mesmas condições que os filhos do reino”. No entanto, D. João não se limita a esse decreto e inicia uma verdadeira política de imigração estrangeira para atrair o maior número de trabalhadores europeus.

Da pequena aldeia de Roncà, em Verona, os camponeses partem para o porto de Gênova, sem data de embarque definido. Consta do passaporte da personagem Aurélio Gardone *oriundo de Roncà em Verona e com destino para a América : sua Majestade Umberto I, rei da Itália, roga às potências amigas e aliadas que o deixem passar livremente e lhe prestem assistência em*

⁴ MANFROI, Olívio. *A Colonização Italiana no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Grafosul, IEL. 1975. p. 19-21.

⁵ MANFROI, 1975. p. 21.

caso de necessidade, registrado aí sua idade, vinte e dois ano. Além disso, Aurélio possuía um *contrato de transporte para dois passageiros*, e sua data de embarque não estava ainda definida, uma vez que devia esperar pelo embarque no Porto de Gênova.

Assim, a utopia motiva o exílio voluntário e sustenta o desejo dos colonos italianos de *fazer a América*, trocando o espectro da fome pela imagem da fartura. Pozenato subverte a idéia na voz da personagem Aurélio, que *não era bobo de acreditar em salame pendurado nas árvores, em pedras feitas de queijo, em fontes de vinho moscatel*. A natureza sofrida do colono leva a pensar que a diferença histórica e social da colonização no Brasil, em especial no Rio Grande do Sul, não condiz totalmente com generalizações teóricas, como, por exemplo, a proposta por Roberto Schwarz quando refere *as idéias fora do lugar*.⁶ No texto de Pozenato, quando Aurélio Gardone afirma que *ao menos teria a sua terra e toda a colheita seria dele, sem ter que repartir com o patrão*, registra-se a diferença, eis que o colono italiano tinha consciência da situação social de que dispunha e sabia, precisamente, o que almejava. O *Paese di Cuccagna* era, pois, uma idéia difusa, pois correspondia a um desejo a que se contrapunha a realidade. Essa passagem intermediária, entre o sonho e a realidade, ocupa uma espécie de *entre-lugar*, conceito que Silviano Santiago desenvolve, embora com outro enfoque teórico e crítico.⁷ No entanto, as *idéias no lugar* tendem a agravar-se no momento em que Aurélio Gardone sentiu *raiva de ter que ir para o outro lado do mundo, se não quisesse morrer de fome*. O espírito prático e realista do colono impediu-o de esperar pelo milagre ou de depender do favor alheio, como Schwarz identifica nos processos de adaptação urbana. Para ele, *o favor atravessou e afetou no conjunto a existência nacional*, pois a relação produtiva de base, a que ele alude, no Alto da Serra nunca foi assegurada pela força. O que promoveu o assentamento e a colonização foi, sobretudo, o desejo

⁶ SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades, 2000, p. 12.

⁷ SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, 14.

de construir uma pátria nova e livre, construída na tensão entre a rudeza do lugar e a utopia importada da Europa.

A colonização, como propaganda, foi restabelecida em 1848, pela Lei Geral n.º 514, de 28 de outubro, através da qual o governo estabelecia a concessão de terras necessárias a colonização⁸. Nesse sentido, a personagem Cósimo, de *A Cocanha*, mostra um folheto da *La Veloce*: ali prometia viagem rápida, terras quase de graça para quem quisesse ser dono das terras. Os casados tinham direito a comprar suas próprias terras, dizia a propaganda. No entanto, a visão de Cósimo, ainda na Europa, acompanhava o pensamento etnocêntrico. Embora desejasse imigrar em busca de melhores condições de vida, temia o risco. No entanto, na Itália não havia mais futuro e, sem poder *adivinhar o que os esperava na América*, mantinha a esperança. Em último caso, considerava, *Morrer na América não vai ser pior do que morrer aqui*.

A economia européia manifestava-se, em certos lugares, como na vizinha San Pier d' Arena' como centro econômico, onde as fabricas, os palácios, altas chaminés de tijolos eram sinais que não faltava trabalho nas aldeias de Verona, e lá se podia *comer mais barato*.

Para Agostinho Malheiros⁹, é nesse início do século XIX, que a campanha pela abolição do tráfico encontra adesão por parte da maioria dos países. Em 1807, a Inglaterra havia proibido tal comércio, concentrando sua força política e militar a serviço dessa causa. Brasil e Portugal resistiram à pressão inglesa até que exigiu a abolição da escravatura, condicionando a isso o reconhecimento da independência política do Brasil. A personagem Oreste Santin, de *A Cocanha*, imigrante pobre, dispõe-se a trabalhar por seis francos, carregando carvão e água até o navio. Seu amigo Domênico, pergunta: *O que era pior? Ser escravo ou ser imigrante pobre?*

⁸ MANFROI, op.cit. p. 34-35.

⁹ MALHEIROS, Agostinho Marques Perdigão. *A escravidão no Brasil*. São Paulo: Cultura, 1944, p. 55.

Segundo o costume europeu, durante os anos de maior pobreza na Itália, quem adotasse uma criança pobre receberia algumas libras de pensão. O imigrante Bépi conhecia sua origem: fora uma criança adotada e, portanto, nada tinha a perder. *A América era seu país. O sonho particular de todos: o país da cocanha (...). No Brasil não se pagam impostos.* Daí seu companheiro Cósimo ter afirmado que *na Itália nada vai mudar nunca, era tempo de ir embora.* Assim, pode-se ver que as *idéias estão no lugar certo* e este lugar era a América. Tanto assim que os imigrantes italianos vinham com a intenção de permanecer, enriquecer, construir uma nova pátria. A personagem Domênico representa esse desejo coletivo de integração e assimilação do novo. O lugar era o Rio de Janeiro e a cidade impressionava pelas *ricas carruagens, senhoras bem vestidas, homens de fraque e cartola.*

Pozenato, ao recuperar a saga do imigrante italiano, desenha o percurso de seus deslocamentos: os imigrantes, vindos de Roncá, vão a Verona, atravessavam o mar, passando pelas Ilhas Canárias. No Brasil, passavam por Fernando de Noronha até chegar ao Rio de Janeiro. De lá, seguiam para Porto Alegre, com destino a Nova Palmira, São Pedro e, depois, ao Campo dos Bugres na região do Alto da Serra. Os colonos viam esta chegada como simulacro da entrada no paraíso. De modo diverso ao que ocorria com os escravos, eles agiam por vontade própria. Isso, no entanto, não irá mitigar o desapontamento e o desamparo pela falta de condições mínimas para o trabalho na colônia. Essa saga, marcada pelo sofrimento e pelas transformações culturais, é o tema central do romance *A Cocanha*.

Em 1871, foi promulgada a Lei do Ventre Livre. A imigração foi incentivada para combater a inevitável redução das forças produtivas. O governo intensificou seus esforços de colonização, com o objetivo de atrair grande número de imigrantes. As colônias italianas do Rio Grande do Sul foram o resultado desse esforço. O crescimento da imigração, no fim do século XIX, motivado pela grave crise econômica italiana, não teve nenhuma relação causal com a

abolição. No entanto, do ponto de vista brasileiro, *os imigrantes eram vistos como estorvo*, ou melhor, como dizia Cósimo: *Eram tratados como esterco que se tira da estrebaria. Ou nem isso, porque com o esterco havia sempre o cuidado de não perder nada, ele era necessário para adubar a plantação. Eles eram só merda (...) não valiam nada para ninguém.*

Em *A Cocanha*, ainda durante a viagem, à medida que o vapor avançava com destino a Porto Alegre, os imigrantes sentiam-se abandonados. E num dado momento entre o sonho e a realidade, Aurélio Gardone percebe que *a caixa de rapé tinha desaparecido... perdera-se no navio? Caíra no mar?* A caixa de rapé simbolizava o apego do italiano às suas tradições familiares. O fato simbólico da perda dessa caixa significa que o imigrante deixava a Itália para trás. A fixação dos imigrantes na nova terra, sul do Brasil, registra-se na narrativa da personagem Domênico que, ao desembarcar em Porto Alegre, sentia-se na *própria casa*, eis que a Itália expulsara seus filhos e os vitimava pela miséria.

Além disso, o projeto das *idéias no lugar* é reforçado pelas informações e serviços oferecidos pelos italianos no cais do porto, no momento da chegada de Domênico a Porto Alegre. Um leque de possibilidades de trabalho oferecia-se ao imigrante que chegava à cidade com vontade de progredir. *Domênico podia abrir alfaiataria, trabalhar como fotógrafo*. Nesse sentido, a descentralização para a periferia pode ser indicativa de que a idéia de região e de transculturação acentua-se durante a colonização italiana no Alto da Serra: *Os imigrantes teriam de se acostumar a viver nos trópicos*. Isso porque, de modo geral, a historiografia brasileira aponta para um país agrário e independente, dividido num sistema rural, baseado sobre o latifúndio e o trabalho escravo e por outro lado dependia do mercado externo. É nesse sentido que o Decreto de 25 de novembro de 1808 pode ser considerado um marco na história do povoamento do Brasil. D. João não se limita a esse decreto, iniciando assim, uma verdadeira política de imigração estrangeira para atrair o maior número de trabalhadores. O objetivo era dar novas

condições ao desenvolvimento econômico, social e político do Brasil, criando uma nova mentalidade segundo a qual a apatia econômica e a inércia social não mais freassem as mudanças. Os imigrantes eram, portanto, pintores, pedreiros, operários, alfaiates, fotógrafos que buscavam assentar-se na colônia, ainda que sofrendo a concorrência dos escravos que *faziam tudo mais barato*.

Críticos culturais, como Sérgio Buarque de Holanda, dentre outros, comentam a diferença entre as intenções oficiais do governo brasileiro, com relação aos imigrantes europeus, e a realidade com que eles se defrontaram. Os objetivos dominantes eram os de instaurar uma agricultura subsidiária, explorada por homens livres e sob o regime da pequena propriedade; aumentar a população do país a fim de favorecer a implantação da indústria e do comércio; formar um exército capaz de garantir a segurança interna, servir a política expansionista nas províncias cisplatinas; preparar a abolição do tráfico de escravos; e, finalmente, criar uma classe média formada de homens livres.¹⁰

Lendo-se documentos sobre a história da imigração e cotejando-os com o registro literário em *A Cocanha*, tornam-se claras as diferenças: no Alto da Serra, a escravidão nunca existiu, fato este que contraria a situação dominante no Brasil colonial. Não havendo monopólio, não se estratificaram as três classes de população que Schwarz arrola no seu texto *As idéias fora do lugar*: o latifundiário, o escravo e o homem livre. A questão que se punha, e que Pozenato registra, era a luta pela sobrevivência e pela construção de uma nova pátria que seria “A Nova Itália”, estabelecendo uma relação de tensão original com o país de origem. As *idéias fora de lugar* significavam acreditar que a vida *profissional* européia desses imigrantes repassava para a

¹⁰ HOLANDA, Sérgio Buarque de . *História geral da Civilização Brasileira* . São Paulo: Difusão do Livro, 1967.

nova terra a sua diferença histórica. Esse *homem livre* é o mecanismo que fará a diferença entre o saber e o fazer.

Tentando aproximar a reflexão teórico-crítica ao estudo da obra concreta, concluo este trabalho aludindo aos estudos de Ricardo Kaliman sobre a questão do regional: é possível que *a longa viagem ao País da Cocanha* exemplifique o convívio de diferentes culturas na América Latina. A diversidade, a descontinuidade e a heterogeneidade cercam o problema de compreender o processo de transculturação nas passagens inter-culturais e interliterárias que são, em última análise, os objetivos buscados pelos estudos literários de natureza comparatista.

Ricardo Kaliman, nos ensaios *Cultura imaginada y cultura vivida* e, ainda, *La palabra que produce regiones. El concepto de region desde la teoria literaria*, aponta a diversidade em seu confronto com os paradigmas da homogeneidade. Segundo ele, a diversidade serviu de ponto de referência para definir o processo cultural latino-americano. É preciso repensar, portanto, de um ponto de vista crítico e fundamentalmente pragmático, algumas questões que vem sendo postas e difundidas pelos estudos literários através das premissas básicas desenvolvidas pelo comparatismo.

Assim, pensar o *constructo* teórico de latino-américa implica supor uma *mescla*, ou seja, a fusão de matérias puras que buscam a heterogeneidade com vistas à realidade cultural. Esta, por sua vez, só se deixa conhecer entrelaçada à suposta homogeneidade paradigmática do conceito de "cultura imaginada", o que reforça ainda mais a "cultura vivida" na América Latina. Este é, exemplarmente, o caso dos imigrantes italianos que trouxeram sua cultura para a América. Como se lê na obra de Pozenato, cria-se uma fissura entre a expectativa (a cultura imaginada) e a realidade, que virá a constituir uma nova cultura com suas peculiaridades regionais.

O problema que se instaura é , pois, a *mescla* das culturas imaginadas e vividas diante da diversidade cultural existente nos diferentes países da América Latina. Essa "mescla" sugere

ressemantizar o conceito de transculturação, talvez ponto de partida e, certamente, devedor do pensamento antropológico de Fernando Ortiz.

O crítico uruguaio Ángel Rama¹¹ observa que o conceito de transculturação envolve quatro operações: perda, seleção, redescobrimento e incorporação, tentando aproximar a metodologia e os aportes antropológicos que advém da relação com os sistemas culturais. A diferença encontra-se, portanto, na adoção de um modelo de "mescla". Mescla ou "mestizaje", como o crítico peruano Antonio Cornejo Polar desenvolveu em seus estudos sobre a cultura andina¹².

A contribuição de Ángel Rama para os estudos literários enfatiza o processo de transculturação na medida em que as estruturas do poder exercem pressões sobre a nova realidade, forçando o reconhecimento das culturas próximas como instrumento de produção de novas relações culturais. Esse é também o caso das colônias italianas.

Para estimular os estudos comparatistas em Caxias do Sul, o projeto intitulado "Literatura Comparada, deslocamentos e distanciamentos: a obra de José Clemente Pozenato", irá privilegiar os estudos culturais regionais. Nesse sentido, as aproximações teóricas entre o comparatismo e os estudos culturais na América Latina não devem ser tomados como opositivos, mas complementares no sentido de descrever "região cultural" a partir de um posicionamento sem hierarquias, que congregue disciplinas, tais como a história local, a sociologia, a lingüística, a antropologia, os estudos da cultura popular, os estudos da cultura e da literatura local, articulados pela literatura comparada. Assim, a efetivação do Mestrado que se chama *Pós-Graduação em Letras e Culturas Regionais*, absorve as propostas teóricas de estudos como os

¹¹ RAMA, Ángel. *Transculturación narrativa en América Latina*. México: Siglo XXI, 1987.

¹² CORNEJO POLAR, Antonio. *La literatura latinoamericana y sus literaturas regionales y nacionales como totalidades contradictorias*. In: ALTUNA, E.y PALERMO, Z., 1996, op. cit, p.69-82.

realizados por Ricardo Kaliman que, inclusive, atuou como professor convidado, proferindo palestra na Universidade de Caxias do Sul em 2000.

O objetivo principal do projeto que desenvolvo é assegurar o aporte metodológico e conceitual que permita a reflexão sobre a heterogeneidade numa região em que o influxo da cultura italiana e , sobretudo, da cultura popular italiana, advinda da colonização européia é visível a cada momento da história, deixando-se ler mediante diversos pontos de vista. A interdisciplinariedade é, portanto, o ponto de referência que legitimou, ainda mais, a criação do Mestrado em Culturas Regionais.

A proposta do pesquisador Ricardo Kaliman, nesse sentido, trouxe novo alento para os estudos de *região cultural*, ao propor pensá-la como instrumento para a produção de conhecimento. Considerá-la como um conjunto heterogêneo, *una circunscripción espacio-temporal*, revitalizou o debate sobre a diferença entre região física e região constituída por afinidades ideológicas e conceituais. *Circunscripción* carrega uma idéia implícita, digna de discussão, eis que *una región no es el conjunto de realidades materiales contenidas dentro de determinados límites espacio-temporales, más precisamente, el constructo mental - o social, según el marco conceptual en el que estamos trabajando - en el cual imaginamos esos límites*¹³. Desse modo, região deixa de ser um postulado para tornar-se uma hipótese. Esse percurso teórico questiona, pois, o próprio *locus* de enunciação, dando ênfase para a relação entre região, espaço e suas representações no texto e nas demais manifestações da cultura, sobretudo entre estas e a comunidade discursiva que as produz e delas se apropria. Trata-se, pois, de compreender a região na dinâmica de um processo.

¹³ KALIMAN, Ricardo. *La palabra que produce regiones. El concepto de region desde la teoria literaria*. Tucuman: Universidad Nacional de Tucuman, Facultad de Filosofia y Letras, Instituto de Historia y Pensamiento Argentinos, Julio 1994.

Os imigrantes italianos do Rio Grande do Sul, originários do Vêneto, de Bergamo, de Vicenza, de Beluno, não conheciam a língua italiana. Esse fato é destacado por José Clemente Pozenato através do olhar da personagem Rosa, ainda durante a travessia de navio até o Brasil: *no convés havia um vozerio como de uma praça cheia de gente falando toda espécie de dialeto. Alguns, Rosa conseguia entender. Outros pareciam língua estrangeira, de tão diferentes*

Como informa Vitalina Frosi no seu alentado estudo *Dialetos italianos; um perfil lingüístico dos ítalo-brasileiros do Nordeste do Rio Grande do Sul*, a supremacia do dialeto vêneto sobre os demais originou-se da superioridade numérica dos falantes. Apesar de sua insuficiência e pobreza de vocabulário, o vêneto tomou o caráter de língua oficial nas colônias italianas do Rio Grande do Sul. Devido à inferioridade numérica dos falantes de outros dialetos e da própria língua portuguesa, *o dialeto vêneto conservou-se como uma língua familiar*¹⁴. Informa, nesse sentido, o historiador Mário Gardelin, que os imigrantes serviram-se do português para nomear os instrumentos agrícolas, o que pode ser interpretado como um ato de apropriação e, portanto, sintomático da transculturação cujo processo se iniciava.

Cabe referir, nesse processo, o pequeno livro humorístico publicado pelo Padre Paulino de Alfredo Chaves, Capuchinho, que registrou, em vêneto, as peripécias de um imigrante italiano, o *Naneto Pipetta*. Este havia partido para a América, Rio Grande do Sul, vindo a tornar-se legendário entre os imigrantes.¹⁵ Esse contexto cultural provoca uma decepção aos propagandistas da Itália, que se ocupavam em comercializar a imigração, oferecendo terras e fazendo o que hoje se consideraria uma “propaganda enganosa”. Esses indivíduos visitavam as colônias, no começo do século XX, conforme afirma Pietro Ubaldi no seu livro *L'Espansione*

¹⁴ GARDELIN, Mário. *Correio Riograndense*. Ago. 1970. p. 15-22.

¹⁵ BERNARDI, Aquiles (Pe. Paulino). *Naneto Pipetta*. Porto Alegre, Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul, 1976.

Coloniale e commerciale dell'Italia nel Brasile (1911) ¹⁶ : *Se pensarmos que o laço mais importante com a mãe pátria é a língua, que a maioria dos imigrantes partem da Itália sem ter aprendido o italiano e que seus filhos não podem aprendê-lo nas escolas, raras e pobres, chega-se à conclusão, com tristeza, que sobre nossa nacionalidade pesa o grave perigo da assimilação e do desaparecimento.* Desse modo, a tendência ao regionalismo apresenta-se, desde logo, como forma de legitimação identitária e de preservação cultural. Não somente os italianos desconheciam a língua oficial de seu país de origem como também não mostravam interesse em que seus filhos a aprendessem. Dessa forma, o predomínio recaía sobre o dialeto vênето. Assim, como sinalizam Frosi e Mioranza¹⁷, a problemática *dialetal*, na região de colonização italiana, registra a existência de falas dialetais típicas de uma área geográfica bem demarcada do norte da Itália. Sabe-se que o fenômeno lingüístico se repete na região dentro de um contexto geohistórico diferente.

Esse aspecto encontra-se registrado na obra de José Clemente Pozenato. Ao escrever *A Cocanha* em português, com muitos registros vocabulares provindos do dialeto vênето, o escritor possibilita aos leitores do Alto da Serra uma leitura fluente. Isso não deverá ocorrer com os demais leitores do Brasil, que encontrarão os elementos de diferença lingüística como representações da diferença cultural e regional. A despedida entre Domênico, Betiato e Batiston, personagens da obra, é um momento em que se reafirma a língua oficial italiana: *Aí, ciao América*. No entanto, a supremacia do dialeto vênето, dominante na obra, representa uma realidade bilíngüe, eis que motivada pela simultaneidade dialetal. O escritor tira o maior proveito dessa variação lingüística, transformando-a em qualidade literária.: *Co zio, que os bugres*

¹⁶Apud MANFROI (1975): UBALDI, Pietro. *L' Espansione Coloniale e commerciale dell/ Italia nel Brasile*. Roma, Ermanos Loescher, 1911. p. 266.

¹⁷ FROSI, Vitalina Maria. *Dialetos italianos: um perfil lingüístico dos ítalo-brasileiros do nordeste o Rio Grande do Sul*. EDUCS. 1983. p. 112.

chupem os meu ossos – exclama uma personagem. E, ainda, a velha Gema, no seu diálogo com Betina, pergunta-lhe *quem é esse morô?*, ao saber que ela não iria mais para a América por causa do namorado: *Faz o que tu queres. Chi fa de so testa paga de so borsa*, conforme o adágio popular do vêneto.

É, pois, no *entre-lugar* da língua e dos costumes que Pozenato escreve *A Cocanha*, um romance que registra e documenta os falares regionais. Se as idéias nem sempre estão *fora do lugar*, conforme o que foi dito no início deste artigo, a construção do lugar como espaço de enunciação irá determinar a qualidade ficcional da obra de Pozenato. Seu mérito é, portanto, o de construir um espaço literário que funde na linguagem elementos de diferentes culturas, dando visibilidade ao processo de hibridez cultural.

BIBLIOGRAFIA

- BERNARDI, Aquiles (Pe. Paulino). *Naneto Pipetta*. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul, 1976.
- BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira; momentos decisivos (1750-1836)*. São Paulo: Livraria Martins, 1969.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1980.
- CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite & outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987.
- FROSI, Vitalina Maria. *Dialetos italianos: um perfil lingüístico dos ítalo-brasileiros do nordeste o Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul: EDUCS, 1983.
- GARDELIN, Mário. *Correio Riograndense*. Ago. 1970. p. 15-22.
- KALIMAN, Ricardo. La resistencia de lo imaginario: reflexiones sobre la naturaleza de la identidad. In: CARVALHAL, Tania Franco (Org.) . *O discurso crítico na América Latina*. Porto Alegre: IEL: Editora da Unisinos, 1996. P. 123-132.

- KALIMAN, Ricardo. *La palabra que produce regiones: el concepto de región desde la teoría literaria*. Tucumán: Facultad de Filosofía y Letras; Instituto de Historia y Pensamiento Argentinos, 1994.
- MANFROI, Olívio. *A Colonização Italiana no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Grafosul, IEL. 1975.
- POZENATO, José Clemente. *Regional e universal na literatura gaúcha*. Porto Alegre: Movimento, 1974
- POZENATO, José Clemente. *O Quatrilho*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.
- POZENATO, José Clemente. *A Cocanha*. Porto Alegre: mercado Aberto, 2000.
- RAMA, Angel. *Transculturación narrativa em América Latina*. México: Siglo XXI, 1987.
- SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades, 2000. ANTELO, Raul et al. *Declínio da arte, ascensão da cultura*. Florianópolis: Letras Contemporâneas/ Abralic, 1998, p. 11-23.
- UBALDI, Pietro. *L' Espansione Coloniale e commerciale dell' Italia nel Brasile*. Roma: Ermanos Loescher, 1911.
- UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL. Instituto Memória Histórica e Cultural. *Projeto Programa de Pós-Graduação Letras e Cultura Regional*. Nível: Mestrado, Caxias do Sul, junho de 1999.